
Memória, história e documentação: Feevale, uma experiência comunitária

*Claudia Schemes**
*Cleber C. Prodanov***
*Cristina Ennes da Silva****

Resumo: Este artigo discute a trajetória institucional da Feevale, uma das Instituições Comunitárias de Ensino Superior no Rio Grande do Sul que se localiza na cidade de Novo Hamburgo. Essa instituição foi criada no ano de 1970, e desde seu surgimento comprometeu-se com os desenvolvimentos local e regional. Neste trabalho, realizamos uma reconstrução da história da Feevale que nos permite compreender sua identidade, história e trajetória. Para tanto, utilizamos documentos oficiais dessa instituição de ensino, permeados de depoimentos obtidos através da metodologia da história oral e que abarcaram diferentes aspectos da história institucional, principalmente a memória de seus dirigentes, professores e funcionários. Além disso, analisamos o surgimento e a organização do Centro de Documentação Institucional, identificando-o com um importante elemento de preservação da história da Feevale e das comunidades circunvizinhas em suas trajetórias sociais e nas múltiplas articulações com a instituição.

Abstract: This article discusses the institutional history of Feevale, which is one of Rio Grande do Sul's Community Higher Education Institutions and is located in the city of Novo Hamburgo. The institution was founded in 1970, and since its establishment it has committed itself to local and regional development. In this paper we reconstruct the history of Feevale, which in turn allows us to understand its identity, its history and the path it has taken to arrive at its current position. We have based this reconstruction on the official institutional documents interspersed with statements obtained using oral history methodology and which deal with other aspects of the institution's history, primarily the memory of its directors, professors and workers. We also analyze the emergence and organization of the Institutional Documentation Center, identifying it as an important element in preserving the history of Feevale and of the surrounding communities' social development and their multiple points of contact with the institution.

* Doutora em História. Professora no Centro Universitário Feevale.

** Doutor em História. Professor no Centro Universitário Feevale.

*** Doutora em História. Professora no Centro Universitário Feevale.

Palavras-chave: Feevale. Memória. História. Identidade. Centro de Documentação.

Keywords: Feevale. Memory. History. Identity. Document Center.

Pensando alternativas

Nem sempre a história das organizações e das pessoas envolvidas em seu processo histórico são preservadas e divulgadas com a importância devida. Isso é um fenômeno comum entre vários tipos de empresa. Felizmente, em algumas instituições, como, por exemplo, as de ensino, a memória e a história parecem estar ocupando seu espaço institucional de importância, assim como os documentos, que estão se consistindo em elementos centrais da história organizacional.

Nesse sentido, a experiência realizada na Feevale, uma instituição comunitária¹ localizada na cidade de Novo Hamburgo, no Estado do Rio Grande do Sul, tem uma particular trajetória e, em certa medida, representa os processos que várias instituições enfrentaram na organização de espaços de história institucional e de construção dessa realidade.

A história da Feevale é muito parecida com a de outras instituições surgidas no Rio Grande do Sul, ao longo das décadas de 1960 e 1970, que se desenvolveram a partir das necessidades de capacitação nas diversas comunidades, especialmente no que se refere ao ensino superior. Se em um primeiro momento histórico que compreendeu sua fundação até o fim dos anos 1980, esteve estabilizada e com um crescimento modesto, com a crise calçadista violenta dos anos 1990, teve que se reestruturar e buscar alternativas para crescer, se transformar e atender aos anseios da região que deixavam de ser apenas formadores e passavam a ser bem mais complexos.

Esses movimentos econômicos externos à instituição foram determinantes na sua trajetória, mas deixaram, também, lacunas, brechas e, ao mesmo tempo, oportunidades de se reconstruir e recontar a vida institucional. Por ter um forte vínculo comunitário, a Feevale está constantemente prestando contas de seu trabalho e atuação; assim sendo, a instituição se desenvolve, mas mantém vínculos com seus fundadores e com seus princípios de atender aos anseios da região, posição essa que passou a ser muito mais elaborada sem perder de vista seu caráter de comunidade.

Desse modo, o crescimento institucional representou o acelerar histórico e as necessidades de organizar a manutenção dessa memória e analisar a identidade que se criou e se desenvolveu nesse processo. Para tanto, foi de fundamental importância a reunião de pesquisadores interessados neste trabalho: a organização de um acervo e, sobretudo, o desejo institucional e da comunidade de preservar sua memória e estudar sua trajetória identitária, fortemente marcada pelo comunitarismo, conceito pétreo ligado aos seus elementos fundacionais.

Como modo de operacionalizar este trabalho, foi importante a existência do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade, do Centro Universitário Feevale, que, possuindo uma linha de investigação sobre memória e identidade, pôde se integrar na construção da história institucional.

Infelizmente, a preservação da memória nem sempre é encarada com a seriedade que merece em relação à conservação de documentação relacionada aos diversos momentos pelos quais passa um estabelecimento de ensino. Dessa forma, foi importante a incorporação de uma metodologia de pesquisa que não necessitasse exclusivamente de documentação escrita, pois sabemos que a comunicação passado-presente não precisa se dar apenas dessa forma mais tradicional; os sujeitos históricos não precisam se apresentar de maneira estática e acabada, não permitindo uma interação mais *viva* do historiador com sua fonte. Utilizamos para essa pesquisa livros, fotos, documentos, objetos, depoimentos, vídeos, artefatos culturais, ou seja, os documentos escritos não foram a única fonte de pesquisa do historiador.

Assim, o caminho investigativo da história oral permitiu uma reflexão e um olhar diferenciados sobre o passado institucional, garantindo uma dinamicidade aos acontecimentos e fatos que emergiram através das pessoas que experienciaram o ocorrido ou que, no mínimo, tiveram conhecimento dele em seu transcurso ou por transmissão de outro.

A história oral como ferramenta de pesquisa, aliada a documentos tradicionais permitiu “colocar um olhar diferente sobre o que todos já pensavam conhecer”, ajudando a “escavar verticalmente as camadas descontínuas do passado a fim de trazer à luz fragmentos de idéias, conceitos, discursos já esquecidos e aparentemente desprezíveis para, a partir desses fragmentos, compreender as epistemes antigas, ou mesmo, e talvez, principalmente, o nosso presente e entender como os saberes apareciam e se transformavam.” (VEIGA-NETO, 1995, p. 19, 21).

A história conhecida como *oficial*, legou-nos a idéia de que apenas o que ficou escrito é científico e encerra a *verdade*. Enquanto isso, a história oral que não é por si um instrumento de mudança, mas pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, pode revelar novos campos de investigação. Ela permite que se recrie a multiplicidade de pontos de vista de um passado complexo e multifacetado (THOMPSON, 1978, p. 22, 25, 27) e trabalha com a memória dos sujeitos que efetivamente fizeram parte da história. Esse elemento multifacetado e dinâmico se mostrou eficiente em uma instituição comunitária cujos vários olhares e saberes são de fundamental importância.

Entretanto, não podemos utilizar essa metodologia de forma exclusiva, pois estaríamos incorrendo no mesmo problema. A evidência oral foi utilizada junto com outras fontes, o que não a torna um compartimento isolado dentro da história, já que ela transforma os *objetos* de estudo em *sujeitos* que trabalham conosco dentro de um processo multidirecional.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. (THOMPSON, 1978, p. 44).

Observando esse contexto, a história oral apresentou-se como um instrumento privilegiado no sentido do *olhar diferenciado*, que permitiu, também, essa redefinição de posições e certezas essenciais à investigação, parte integrante e reveladora das experiências e memórias coletivas e individuais que possibilita o recontar, não só de fatos e acontecimentos, como também de sonhos e esperanças.

Nesse sentido, interessou-nos a percepção da memória “como propriedade de conservar certas informações, que nos reenvia em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem

pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 1996, p. 11).

A evocação da memória de indivíduos que presenciaram a trajetória da instituição estudada foi essencial na medida em que trouxe em si elementos do passado entendidos pelo depoente como importantes na construção da narrativa. Através do exercício de seleção da memória, o indivíduo expõe e/ou omite aspectos que se lhe apresentam como fundamentais para a construção de uma história. E é essa história vivenciada pelo indivíduo narrador que serviu, juntamente com documentos oficiais, de fonte para nosso trabalho.

Uma breve história da instituição e sua trajetória

Durante o regime militar foi instituída a Lei 5.540/68 que tratou da reforma universitária no País e introduziu diversas modificações no que se refere ao ensino de Terceiro Grau, tais como: a extinção da cátedra e a unificação do vestibular, a aglutinação das faculdades em universidades, a instituição do curso básico para suprir as deficiências do Segundo Grau, o estabelecimento de cursos de curta e longa duração e de pós-graduação. Deu-se, ainda, a reestruturação no setor administrativo modificando aspectos relacionados aos currículos, disciplinas, matrícula, sistema de créditos e a nomeação de reitores e diretores exógenos à instituição que, no conjunto, contribuíam para o desmembramento de grupos estáveis dentro das universidades, despolitizando esse espaço.

Nesse contexto político, foi criada a Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo, a Feevale, em 1970.

Nesse período, no Rio Grande do Sul, havia um forte movimento em prol do ensino comunitário, sendo vistos exemplos de criação de associações pró-universidade nas cidades como Bagé, Ijuí, Cruz Alta, Santa Cruz do Sul, Lajeado, entre outras. Em Novo Hamburgo, deu-se a criação da Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo (Aspeur), que tinha como objetivo a criação da primeira universidade na cidade.

Nessa época, a cidade já possuía um considerável número de escolas de Primeiro e Segundo Graus tanto municipais, quanto estaduais e particulares que atendiam às demandas locais. Porém, para a realização de estudos mais avançados, era necessário o deslocamento à capital do

estado, pois, no tocante ao Ensino Superior, Novo Hamburgo contava apenas com o Instituto de Belas Artes (IBA).²

A restrição na opção de Ensino de Terceiro Grau, associada às dificuldades que representava o deslocamento para outras regiões, aguçou a percepção da necessidade de prover a cidade com mais opções para o Ensino Superior. Assim, a idéia de instalação das faculdades em Novo Hamburgo, lançada pelo prefeito Alceu Mosmann, encontrou eco nos desejos de diversos setores da comunidade, que se uniram para formar uma comissão que se propunha a promover a criação de uma Universidade Regional. Essa comissão de estudos, formada por membros da comunidade, chamou-se *Associação Pró-Universidade de Novo Hamburgo*.

Essa comissão propunha aos órgãos educacionais federais a criação de uma Universidade Regional, projeto ambicioso que não teve a aprovação do Conselho Federal de Educação que, reconhecendo o empenho da comunidade propôs alterações no projeto, aprovando em 26 de fevereiro de 1970 o estabelecimento de uma reunião de faculdades que, num primeiro momento, ofereceu os cursos de Ciências Contábeis, Administração de Empresas, Educação e Relações Públicas.

Consoante o primeiro-diretor-geral,

a Feevale foi a primeira Federação de Ensino Superior a organizar-se de forma direta no Brasil. Já havia uma Federação de escolas no Rio de Janeiro, só que aquela federação do Rio foi uma reunião de escolas e mantenedoras já existentes. A FEEVALE foi a primeira a partir do zero, a criar os cursos. Isso é histórico para a educação brasileira. (SCHMITZ, 2004).

As faculdades iniciaram as atividades ocupando o prédio da Escola São Jacó que, em tempos anteriores, havia sido criada e mantida pelo esforço da comunidade. A crença na aprovação do projeto impulsionou a organização, antes mesmo do parecer positivo do conselho, do primeiro vestibular que, por esse motivo, pôde ocorrer ainda em fevereiro. Nele, foi registrada a presença de 202 candidatos distribuídos entre os quatro cursos oferecidos pela instituição.

Quando da elaboração do projeto para a implantação das faculdades, havia uma previsão para a incorporação do IBA à Universidade Regional. Assim, em 24 de abril de 1970, ocorreu uma assembléia que contou com a presença dos diretores e do Conselho Deliberativo da Aspeur, representantes da Sociedade Cultural de Novo Hamburgo, diretoria do

IBA, bem como vereadores e o prefeito Alceu Mosmann. A votação foi unânime pela incorporação do IBA à Federação dos Estabelecimentos de Ensino Superior de Novo Hamburgo que passou a chamar-se Faculdade de Belas Artes. Com a união das faculdades, o número de professores e de alunos teve um acréscimo significativo já no primeiro ano de funcionamento da instituição, bem como uma ampliação nas opções de estudos de Terceiro Grau.

Iniciadas as atividades regulares da instituição, a atenção da direção voltou-se à necessidade de aprovação dos cursos instalados na federação. Ao serem aprovados para funcionamento, os cursos obtiveram autorização para iniciar as atividades, contudo, antes da primeira formatura, era fundamental que os cursos já tivessem sido reconhecidos. No caso específico dos cursos da federação, aquele que exigia maior urgência no reconhecimento era o curso de Relações Públicas, pois seria o que teria a primeira turma de formandos. Esse reconhecimento se deu em dezembro de 1972.³

A origem comunitária da instituição, a restrita quantidade de alunos nos primeiros tempos, as dificuldades vencidas em conjunto, entre outros tantos fatores, fizeram com que os acadêmicos fossem mais que alunos para seus professores. Segundo a percepção do diretor-geral, o ambiente acadêmico era de amizade, harmonia e colaboração.

O relacionamento da direção com os alunos era excelente. Inclusive houve um fato muito pessoal. A FEEVALE nunca foi de greve, pelo menos naquele período em que eu fui diretor, mas houve uma tentativa de um movimento de greve devido a questões de mensalidade escolar, e eu estava em Gramado, festejando aniversário de casamento. Aí quando eu retornei, a líder estudantil e presidente do Diretório Acadêmico, procurou-me e disse: “Professor, nós não fizemos a greve em homenagem a seu casamento.” Eu disse: “Já que vocês não fizeram a greve não há necessidade de fazê-la. Agora a gente vai negociar. Sou muito agradecido a vocês.” O assunto era muito polêmico na época, mas não saiu a greve. (SCHMITZ, 2004).

Nesse depoimento, observa-se que as relações estabelecidas entre os múltiplos agentes do processo, ou seja, professores, funcionários e alunos direcionavam-se no sentido de encontrar respostas que visavam à conciliação dos interesses para resolver os problemas que surgiam. O tamanho da instituição possibilitava um relacionamento direto, onde o aluno podia ser consultado e era ouvido e, assim, as possíveis tensões

provenientes de vontades conflitantes eram solucionadas a partir de negociações diretas. Conforme o ex-secretário-geral e vice-diretor acadêmico,

como era uma instituição pequena na época, nós éramos um pequeno grupo de funcionários, não chegava a dez, talvez duas dezenas de professores e o grupo de alunos também não era muito grande, apenas quatro cursos. Então havia um clima de informalidade entre as pessoas, embora a instituição funcionasse formalmente como uma instituição de ensino. Não havia grande dificuldade de comunicação, havia grande facilidade de comunicação entre funcionários, professores e alunos. Havia um clima muito bom, e os alunos eram muito interessados. Eles não eram apenas um número. (PLÍNIO DALL'AGNOL).

A origem institucional, ou seja, o esforço comunitário em sua criação, associada à transparência no relacionamento entre os diversos grupos que compunham o universo acadêmico de princípios da década de 1970, possibilitava a agregação de esforços no sentido de dotar a instituição de um alicerce sólido. A referência de que os acadêmicos não representavam um número, mas que eram sujeitos do processo, permitia que os grupos envolvidos no universo educacional da Federação agissem como co-responsáveis pelo andamento e sucesso da instituição; assim, os problemas eram explicitados, por exemplo, para os representantes dos acadêmicos que, de posse do conhecimento da realidade, dispunham-se a somar forças para ultrapassar os períodos mais conturbados. Na visão do ex-diretor da Escola de Segundo Grau,

o relacionamento era excelente porque havia um grupo pequeno de professores, uns 200 e poucos no total. Era uma grande família. A prova disso é que houve uma época em que os problemas econômicos fizeram com que as escolas tivessem que fixar o valor das mensalidades e não reajustá-las durante o ano. O valor a ser cobrado devia ser submetido às entidades de pais, DCEs, etc. Nós nos reuníamos, Diretor-Geral, membros da diretoria da Aspeur e os representantes dos alunos, no salão do Campus I e debatíamos a proposta de aumento. Um ano o DCE não concordou com a proposta. Então foi disponibilizada a eles toda a planilha de custos da Feevale, inclusive com a proposta de reajuste para o ano seguinte. Os alunos contrataram um economista que fez uma análise e, depois disso, eles foram obrigados a concordar que tinha que ser aquele valor mesmo, porque era uma projeção dentro da realidade econômica brasileira de inflação alta. (KIELING, 2004).

Nesse contexto é possível compreender a aceitação e o apoio que as propostas lançadas pela instituição tinham pelas comunidades interna e externa, pois a relação preponderante expressa no depoimento anterior era a de compartilhamento de problemas e soluções. A direção, por sua vez, entendendo a importância do envolvimento da instituição com a comunidade, implantou um sistema de pesquisa na sociedade que visava a identificar as necessidades regionais a fim de criar instrumentos e estruturas que pudessem preencher as lacunas existentes no seio da sociedade.

Uma das iniciativas resultantes da consulta à comunidade foi, no ano de 1974, a instalação de um curso de pós-graduação em nível de especialização, voltado à Medicina do Trabalho e, em 1975, o projeto do Curso de Formação de Tecnólogos da Feevale.

Num outro sentido, foi identificada a necessidade de criação de um órgão permanente que, voltado às demandas da comunidade, pudesse promover ações culturais e educacionais através da oferta de cursos de extensão. Assim, em 1976, foi criado um Centro de Educação Permanente (CEP), que passou a promover e coordenar cursos de especialização, aperfeiçoamento e de extensão, seminários, encontros, jornadas técnicas, projetos específicos, enfim, uma gama de atividades de natureza técnica, educacional e cultural.

Tendo solidificado as bases da educação de nível superior, iniciou-se um processo de análise da possibilidade de ampliação das atividades na área educacional. Assim, em 1987, a Aspeur determinou que fosse feito um estudo sobre a viabilidade de implantação do Ensino de Segundo Grau.

Em 1987 eu fui presidente da comissão que analisou a viabilidade da implantação na Feevale, do curso de 2º grau, Ensino Médio. Essa comissão era formada pela Sueli Copetti, pela Iara Pacheco, pelo professor Plínio e por mim. E houvemos por bem aconselhar a abertura do 2º grau. Então montamos todo o projeto, que foi para Porto Alegre, sendo aprovado em 1989. Abrimos duas turmas de manhã e duas turmas à noite, uma PPT – Preparação para o Trabalho – que substituiu o científico. Abrimos, então, uma nova habilitação que era o técnico em calçado, que funcionava de manhã e à tarde. (KIELING, 2004).

Após a solidificação dos trabalhos com o ensino no nível de segundo grau, no ano de 1994 aconteceu, na Feevale, a implantação da Escola de Primeiro Grau. Consoante a ex-diretora da escola

a Escola de 1º. Grau foi um verdadeiro desafio para mim, mesmo eu não tendo acompanhado a sua criação. Ela desde o início tinha uma proposta diferenciada de educação, e nós tivemos que conquistar, não só as famílias dos alunos, mas muitas pessoas da própria instituição, pois pela primeira vez a Feevale viu crianças gritando e correndo pelos corredores! [...] Eu ajudei nesse início de construção da escola, o que foi muito prazeroso, pois víamos que muitas pessoas acreditavam no nosso trabalho e davam valor ao Ensino Fundamental. [...] O professor João Carlos foi um grande entusiasta da escola e muito nos ajudou no princípio, assim como a mantenedora e os pais que procuravam uma proposta diferente para os seus filhos e estavam dispostos a participar. Tínhamos, também, um excelente grupo de professores, era um pessoal jovem buscando informação e formação também. Posso dizer, com certeza, que esses foram alguns dos melhores momentos da minha vida profissional. [...]. (URMERSBACH, 2004).

Transcorridos 15 anos de funcionamento, a Feevale apresentava problemas relativos a espaços. Novos locais deveriam ser construídos, pois a estrutura do Campus I não era mais suficiente para suprir as necessidades da instituição e permitir a expansão. Dessa maneira, a partir de 1984, foram intensificados os esforços no sentido de se buscar uma nova área que pudesse abrigar as instalações de um novo campus universitário. A referida área possuía 90,228 m², sendo localizada na estrada estadual RS-235.

Contando com o apoio da comunidade, a Aspeur pôde iniciar a construção do primeiro prédio do Campus II. O plano de ação para as construções havia sido concedido por um grupo de engenheiros e arquitetos que, graciosamente, elaboraram os planos e o projeto de construção. O início das obras representava um novo momento para a instituição, simbolizado pela construção de um campus moderno, que permitisse a expansão das atividades.

Do ano de 1994 a 1999, quando a federação se transformou em centro universitário e reestruturou a administração, três diretores-gerais assumiram a sua direção.

O primeiro-diretor-geral, Volnei Alves Corrêa (1994/1995,) teve sua gestão marcada pela inovação e tratados para a transformação da Feevale em universidade. Foi criado, nesse período, um Conselho Político, que buscava o apoio e a parceria com lideranças políticas, educativas e empresariais. As atividades de pesquisa foram incrementadas com a criação do Centro de Pesquisa e Planejamento Social e Urbano (CPP).

Ao assumir a direção da Feevale, em primeiro de setembro de 1994, nós o fizemos com o propósito de modificar os paradigmas e a ação comunitária desta instituição. A convite de sua mantenedora – Aspeur –, aceitamos o desafio de gerir o ensino e a pesquisa, com o olhar voltado para o ano 2000 e a firme convicção de que nos anos seguintes antigas estruturas poderiam dar lugar a uma Instituição de Ensino Superior nova e singular. A mantenedora, após estudo realizado por uma experiente consultoria, cujo estudo balizou-se em cooperação com as lideranças internas da instituição, traçou o perfil da administração que julgava a mais conveniente para dar início a um novo processo de formação dos corpos docente, discente e administrativo. Partindo desse contexto, elaboramos o documento “Feevale ano 2000”, onde registramos as metas a serem atingidas até o novo milênio. (CORRÊA, 2004).

A segunda diretora-geral, Ângela Sperb (1996), dentre outras ações, incentivou a capacitação de professores através de um projeto denominado *Reeducação* que envolvia Primeiro, Segundo e Terceiro Graus, implantou novos cursos de graduação e pós-graduação e criou a *Escola de Artífices* que visava à restauração do patrimônio histórico-arquitetônico.

Quando deixei a Feevale, a proposta de criação da universidade ou centro universitário já estava encaminhada, bem como a criação de alguns cursos novos – Direito, Engenharia Industrial e Publicidade e Propaganda – que foram implantados posteriormente. Também iniciamos os contatos com instituições dos Estados Unidos e da Europa, assinamos convênios que visavam [ao] intercâmbio e [à] transferência mútua de conhecimentos. Essas ações rompiam com a trajetória tradicional da Feevale, muito mais fechada sobre si mesma. (SPERB, 2004).

O terceiro diretor-geral, Lauro Tischer (1997/1998), deu continuidade aos projetos anteriores, priorizou o Projeto Universidade, criou a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Museu Nacional do Calçado, a Pinacoteca, a Incubadora Tecnológica e continuou incentivando as atividades comunitárias que sempre foram uma marca da instituição.

Em 1997, quando assumi a direção-geral, a administração estava melhor controlada, aumentamos a arrecadação, o número de alunos, enfim, o resultado financeiro já era positivo novamente. Daí partimos para o nosso objetivo maior que era a transformação da Feevale em universidade. (TISCHER, 2004).

Ao analisarmos a história institucional, destaca-se entre todos os aspectos de sua trajetória, a vinculação com a comunidade. Nesse sentido, o trabalho com a memória, através de depoimentos orais, apresenta uma (re)construção do passado, conforme indicado anteriormente, diferente daquele que consta nos documentos oficiais, pois as emoções e as subjetividades se sobressaíram e expressaram aquilo que não pode ser apreendido em documentos escritos. Assim, a associação das fontes permitiu-nos a percepção de aspectos variados da trajetória da instituição, pois as experiências vivenciadas e a memória dos colaboradores de setores e instâncias diversas da instituição, bem como suas percepções, revestiram-se de significado na medida em que contribuíram para uma delimitação do perfil institucional e o estabelecimento do caráter comunitário e inovador.

Nesse sentido, a percepção de instituição que se sobressai é aquela onde podemos percebê-la como um espaço possível de guardar em sua memória muitas das conquistas locais e regionais, comportando o papel significativo de diferentes sujeitos que compuseram e compõe a sua história.

A memória como elemento de identidade

Para reconhecermos como se deu a construção da identidade institucional através dos depoimentos, bem como os elementos que influenciaram essa construção, deparamo-nos com a necessidade de compreender e indicar as discussões sobre os significados e especificidades que compõem a memória e a identidade coletivas.

Um dos autores que relaciona memória e identidade, que é o foco dessa pesquisa, é Pollak. Segundo ele, o sentimento de identidade

é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para

acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5).

O autor ainda diz que para a construção da identidade existem três elementos que são fundamentais: a unidade física, as fronteiras de pertencimento ao grupo; a continuidade dentro do tempo; e o sentimento de coerência, ou a unificação dos elementos que formam um grupo. (POLLAK, 1992, p. 5).

Com relação à memória, o mesmo autor refere:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 9).

Identidade, portanto, é uma manifestação ligada à memória coletiva (HALBWACHS, 1990), ou à dimensão do pertencimento social, no qual memórias são compartilhadas e há a percepção da diferença em relação ao outro, ou seja, a identidade se constitui em relação à alteridade. A identidade está, portanto, ligada à história passada e à memória do grupo, constituindo um conjunto de ações que criam as formas de pertencimento e redes sociais.

Pollak (1989) concorda com Halbwachs (1990) e associa a questão da identidade com a memória dos grupos sociais. Segundo ele,

a memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais [sic]. (POLLAK, 1989, p. 3).

A memória, segundo Halbwachs (1990), é um fenômeno construído, pois não podemos conservar o passado exatamente como ele foi, mas o reparamos com imagens e pensamentos de hoje. Dessa forma,

ela é fundamental para a construção da idéia de pertencimento social ou de uma identidade coletiva.

Essa identidade coletiva foi construída pelo Centro Universitário Feevale ao longo de vários anos, e os seus princípios orientadores sempre tiveram como objetivo nortear as ações do grupo de profissionais que atua nas mais diversas áreas da instituição. Esses princípios são: a *universalidade*, no qual a Feevale, como produtora e difusora de conhecimentos e saberes universais e, comprometida com o bem comum, procura impulsionar o desenvolvimento social, buscando a igualdade e respeitando as diferenças; a *ética*, ligada à justiça social, à liberdade de criação, à igualdade de direitos e à democracia; a *excelência*, no ensino, na pesquisa e extensão, como forma de contribuir para o desenvolvimento sustentável e para a justiça social; a *inserção*, em que o desenvolvimento regional é visto como ponto de partida e de chegada para as ações da universidade; a *flexibilidade*, através da qualificação e da atualização constantes para acompanhar as transformações da sociedade; a *integralidade*, pelo comprometimento com a educação integral do homem, respeitando suas particularidades e sua universalidade; a *autonomia*, legitimada mediante a liberdade para criar, pensar, criticar, aprender, ensinar e produzir conhecimento e a *diversidade*, com a contribuição para a promoção da equidade social e a valorização da diversidade, considerando a heterogeneidade social, cultural e étnica. (GUIA ACADÊMICO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE, 2007, p. 7-8).

Esses princípios são a base que sustenta o compromisso social da instituição que é “a produção, o desenvolvimento e a difusão do conhecimento” e a sua missão, que busca “a produção do conhecimento, a formação de indivíduos e a democratização do saber, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.” (GUIA ACADÊMICO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE, p. 7).

A identidade institucional, entretanto, não foi criada automaticamente com o surgimento da Feevale, mas vem sendo construída desde a sua criação no início dos anos 1970. Se levarmos em consideração que uma identidade se constrói a partir da presença do outro, da alteridade, entendemos que essa construção esteve intimamente ligada à necessidade da diferenciação da instituição em relação à universidade que havia sido criada na cidade vizinha e às universidades públicas na capital do Estado.

Os significados atribuídos à instituição, ao longo do tempo, e que foram construindo sua identidade, foram resultado dos contextos político, econômico, social e cultural da região.

O caráter comunitário foi um dos traços identitários que se consolidou desde a sua criação, em função do próprio esforço da comunidade local para a implantação do Ensino Superior, que viria a suprir uma demanda importante.

A construção identitária da Feevale, portanto, se deu em um momento específico e foi resultante das relações sociais entre os sujeitos envolvidos nesse processo.

Além da existência de outras instituições de ensino, próximas da Feevale, o crescimento econômico do setor coureiro-calçadista no período e a necessidade de formação de quadros para esse setor foram determinantes para definir outro traço identitário da instituição, que é o desenvolvimento regional.

O caráter comunitário e o desenvolvimento regional foram, inicialmente, os aspectos selecionados pelos atores sociais ligados à instituição que a definiam em contraposição às demais. Em um segundo momento, a questão da inovação passou a ser considerada de fundamental importância para a instituição, sendo, assim, incorporada como um dos pilares da identidade institucional.

Para compreendermos como se deu a construção da identidade institucional em seus aspectos mais específicos, entrevistamos professores, funcionários, membros da mantenedora, reitora, pró-reitorias, coordenadores e diretores de institutos que, em um processo avaliativo de seus fazeres específicos, associados aos fazeres da instituição como um todo, refletiram sobre os princípios e valores que norteiam as suas ações.

Segundo esses entrevistados, o Centro Universitário Feevale é percebido como uma **instituição inovadora** em função de suas atividades de ensino, voltadas a investimentos em novos cursos, com propostas diferenciadas e focadas nas necessidades da região, na flexibilização curricular, nas propostas pedagógicas não conservadoras, na formação contínua de professores, na avaliação continuada dos projetos pedagógicos, na qualidade de ensino, na construção de um projeto pedagógico em que professores e alunos avaliam a melhor maneira de conduzir seus estudos, visando à democratização, à transformação e à transferência do conhecimento.

Para o ex-reitor,

a Feevale sempre ousou, como poucas instituições de ensino superior o fizeram em nosso Estado. Ela foi e será sempre uma instituição aberta à inovação e à criatividade, sempre pronta para conhecer as melhores e mais inovadoras instituições de ensino do mundo, para poder estar à frente em nosso país. (MARTINS, 2006).

Para os depoentes, a instituição também pode ser considerada inovadora através de suas atividades de pesquisa, tecnologia e inovação, como: investimentos em novas tecnologias, ousadia nos projetos desenvolvidos, instalações modernas, laboratórios com equipamentos de última geração, criação de parques tecnológicos e incubadoras, criação do *Museu Nacional do Calçado*, do *Centro de Design*, de serviços *on-line* (Gerenciamento Eletrônico de Apostilas, Diário Eletrônico), de missões ao Exterior, programas de cooperação nacional e internacional, produção científica e tecnológica, voltada às necessidades sociais e à inclusão social. As atividades de extensão também foram lembradas através dos projetos que envolvem as demandas regionais e a relação com o mercado.

Entretanto, a questão da inovação na gestão também foi mencionada como fundamental para a instituição. No entender do ex-pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários,

em um primeiro momento, nós trouxemos a inovação como conceito de produto, apresentamos um leque de opções, tanto interna como externamente, trazendo o produto como inovação. Num segundo momento, eu acho que nós trocamos o foco da inovação, pois passamos a tentar fazer uma gestão por inovação. Assim, as coisas modificam totalmente porque isso não é perceptível, nem praticado de uma forma geral. Dessa forma, nós temos dentro da própria instituição algumas dificuldades, tanto de entendimento do conceito de inovação ou da percepção de inovação, quanto da própria prática de gestão pela inovação, ou seja, a inovação permeia toda a instituição, mas não na mesma velocidade. (FERNANDES, 2006).

O crescimento estrutural do campus universitário, a relação de proximidade entre acadêmicos, diretores, pró-reitores e a proposta do

Projeto Universidade que vai dar prospecção e autonomia à instituição foram outros pontos abordados como inovadores.

Para o pró-reitor de Tecnologia e Inovação,

a percepção da Feevale como instituição inovadora decorreu da própria compreensão dos nossos colaboradores, que começaram a trazer esta questão da inovação como estando presente em grande parte das ações que nós realizamos. Então esta foi uma constatação da nossa comunidade [...] que apareceu muito forte no nosso planejamento estratégico. Então nós começamos, a partir desta percepção, a aprofundar o conceito de inovação, e hoje todos os colaboradores tem isso em mente. (PRODANOV, 2004).

Com relação ao desenvolvimento regional, os entrevistados entendem que este se dá através da parceria e integração da instituição de ensino com a sociedade civil, poderes públicos e setor produtivo, através das seguintes ações: propostas de cursos e formação de profissionais a partir das demandas da comunidade e características regionais; oferta de eventos, cursos de extensão, seminários, intercâmbios; ações localizadas como: *NH no seu Bairro, Ação global, Parque Tecnológico, Projeto Pescar, Incubadora Tecnológica*; inserção do acadêmico no mercado de trabalho desde o início do curso; indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; conexão com o perfil comunitário e vocação filantrópica; comprometimento com valores sociais, éticos e ecológicos com intervenções técnicas. Segundo o diretor do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes,

nós hoje não atendemos só Novo Hamburgo, mas, aproximadamente, quarenta municípios, não só através da oferta do ensino, mas também da pesquisa, de projetos de extensão, de parcerias com as prefeituras e entidades, ou seja, estamos enraizados na região e nos relacionamos com ela. A nossa carteira de convênios e de projetos está centrada nas organizações e nas instituições do Vale do Sinos, do Paranhana e do Caí. [...] Por outro lado, acho que temos um caminho ainda a percorrer, que é um caminho que precisa ser intensificado nos nossos programas, principalmente de extensão e de pesquisa, no sentido deles se aproximarem ainda mais das demandas regionais. [...] A Feevale reconhece esse compromisso, esse enraizamento com a região e também coloca isso como um trabalho a ser aprimorado e desenvolvido. (GABROWSKI, 2006).

Percebemos que o compromisso da instituição com o seu entorno vem se consolidando nos últimos anos, e suas intervenções e parcerias mostram que a comunidade a respeita e reconhece sua competência e a seriedade de suas ações. Na opinião do presidente da Aspeur,

a instituição sempre procura se envolver em movimentos que buscam melhorias e desenvolvimento regional e também em projetos sociais, de cunho comunitário, cultural ou econômico, implantados na região. As atividades, muitas desenvolvidas em parceria com outras organizações, têm se expandido, estando profundamente vinculadas aos espaços e movimentos sociais e comprometidas com os direitos de cidadania para além da perspectiva assistencialista. (OLIVEIRA, 2006).

Esses elementos constitutivos da identidade do Centro Universitário Feevale foram internalizados, e a atribuição de significados a esses elementos se deu através das experiências dos profissionais que atuam ou atuaram na instituição, como podemos observar nas falas de alguns deles.

O presidente da Aspeur refere:

Administrada e dirigida, quase em sua totalidade por ex-alunos, a trajetória da Feevale está relacionada à determinação e competência de pessoas que acreditam que, através da educação, num processo de construção coletiva, pode-se contribuir para o desenvolvimento regional. Os projetos que já se realizaram, bem como os que deverão se realizar, [...] tiveram início com o trabalho e a coragem dos que nos antecederam, que iniciaram a história da instituição há mais de três décadas. Desenvolver competências, capacitar recursos humanos, ampliar horizontes, buscar alternativas, avançar no conhecimento é a finalidade institucional. A cooperação entre a instituição e a comunidade está baseada nas relações de reciprocidade. Aplicando o conhecimento para o avanço tecnológico, reafirmando continuamente os princípios e a vocação, também, no envolvimento com o social e a solidariedade, procurando oferecer, não só um ensino de qualidade, mas oportunidades para que todos possam crescer como ser humano. (STÜRMER, 2006).

O caráter comunitário da instituição é um dos elementos identitários que permeou todos os depoimentos por nós reunidos. Acreditamos que isso se deva ao fato de o Centro Universitário Feevale ter nascido da iniciativa da comunidade e ser mantido por ela até hoje.

Segundo os depoentes, todas as suas ações têm o comprometimento comunitário como meta. O reitor do Centro Universitário Feevale cita:

O compromisso com a comunidade se assegura pelo rigor das práticas de gestão, buscando a sustentabilidade, a igualdade, a transparência e a atitude ética em todas as relações e a contribuição para o desenvolvimento da região em todos os seus aspectos. A interlocução com os diversos públicos são aspectos da participação de todos, pois a instituição é a soma de todas as partes e se consolida e vivifica a partir de uma construção coletiva. (CUNHA, 2004).

Se acreditarmos que uma identidade é formada a partir da visão que a instituição tem dela mesma e da visão que os outros atribuem a ela, fica-nos claro que o Centro Universitário Feevale consolidou-se na região como uma instituição com caráter diferenciado das demais, ou seja, é uma instituição comunitária, fortemente comprometida com o desenvolvimento regional e com características inovadoras em todos os campos de atuação.

Os depoimentos reunidos ao longo de nossa pesquisa nos permitiram identificar os indivíduos ligados ao Centro Universitário Feevale como membros pertencentes a um grupo social específico e que, através de suas narrativas e discursos, elaboraram significados que irão orientar as ações dos indivíduos que atuam ou atuarão na instituição. Seus depoimentos são exemplos de como foi construída coletivamente a identidade institucional.

A experiência do Centro de Documentação

A criação do Centro de Pesquisa e Memória na Feevale foi decisivo para a efetivação da construção e preservação da memória institucional, pois esse espaço possibilitou o acesso de pesquisadores, acadêmicos e da comunidade local à história institucional.

Para efetivar um espaço físico que reunisse fontes de consulta para o trabalho, iniciou-se, em maio de 2005, a reunião de um acervo básico, de uma sala que comportasse o arquivo e a pesquisa, além da composição de um corpo técnico inicial que garantisse os primeiros movimentos do trabalho, pois, desde a sua instalação como Federação de Ensino, no fim da década de 60, a Feevale e sua mantenedora a ASPEUR têm produzido

um número significativo de documentos que se proliferam em grandes proporções e que têm uma representatividade importante tanto na história institucional como na regional.

Nessa fase inicial, procurou-se reunir, organizar e preservar o acervo, que hoje é composto por um contingente documental de amplo espectro, contando com documentos diversos, tais como: certidões, atas, requerimentos, relatórios, projetos, correspondências, projetos de cursos, *clipping* da imprensa local e da regional, fotografias, entre outros materiais institucionais.

Esse material encontrava-se disperso em vários locais, muitos deles não apresentando condições de conservação adequadas; muitos estavam depositados em estantes sem qualquer ventilação, ordem ou mesmo jogados no chão, sujeitos à ação do tempo e de insetos. Por serem, em sua maioria, fontes em papel, grande parte do material já se encontrava em estado avançado de deterioração.

Utilizando os métodos da Arquivística, o trabalho consistiu, inicialmente, no processo de triagem e destinação em fundos documentais provisórios, visando, posteriormente, ao arranjo definitivo dos mesmos. Como resultados parciais, pode-se citar o levantamento de parte do material que compõe o acervo, bem como a avaliação das condições e da situação dos documentos, além da identificação e da catalogação de parte da documentação avaliada até o momento.

A documentação que registra a trajetória da instituição tem se mostrado de fundamental importância, pois apresenta as aspirações e as conquistas, bem como o papel assumido pela mesma com relação à história local e regional. Desse modo, compreende-se que esse patrimônio se constitui em importante legado cultural e, à medida que estiver sendo disponibilizado e manuseado de forma ampla, estará revelando novos olhares e se transformando em ferramenta importante às análises sociohistóricas da Feevale.

Após quase quatro décadas de trabalho, é primordial a instituição compreender a dimensão história de sua própria existência. Além disso, essas fontes escritas e a consolidação do trabalho de entrevistas na comunidade estão ampliando quantitativa e qualitativamente o seu acervo, transformando-o não apenas numa referência institucional, mas regional, pois parte significativa da história e da memória das comunidades está sendo preservada e estudada.

Na medida em que se organizava o Centro de Pesquisa e Memória, outros materiais externos começaram a se juntar ao acervo, graças às doações da comunidade e à prospecção de alguns pesquisadores, especialmente do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória da Comunidade.

Esse movimento de ação da comunidade e dos pesquisadores fez engrossar qualitativamente o acervo do centro, que hoje dispõe de fotos, periódicos, depoimentos e documentos que contam a história de alguns líderes industriais, das primeiras escolas da região e de algumas das primeiras fábricas e curtumes, tão importantes no processo de desenvolvimento econômico de toda a região dos vales do Sinos e Paranhana.

A falta de estrutura na maioria dos municípios, a existência de especialistas e a possibilidade de conservação e estudos estão sendo decisivos à organização e ao fortalecimento do centro. Além da preservação da memória, também acontece um cruzamento entre a instituição e outros atores regionais de significativa importância, que são fundamentais para entender os processos históricos e culturais que circularam e que ainda hoje fazem a história reviver.

Considerações finais

A história é um processo contínuo, cultural e multifacetado, cuja construção se dá a todo momento. Esse movimento complexo e dinâmico prescinde de elementos que são objetos dos historiadores. Entre eles, estão todas as formas de documentos, que ajudam a analisar e compor esse cenário das histórias comunitárias.

Nesse sentido, a percepção que temos hoje em nossa instituição é que sua história e trajetória existiam, mas estavam ocultas e presas no passado e na escuridão das caixas e das gavetas. Essa revelação somente foi possível a partir do momento em que a própria instituição desejou revelar-se e compreender-se como tal, quando pôde superar suas dificuldades e olhar para esse passado de forma construtiva e reveladora.

Nesse sentido, os estudos e as pesquisas realizadas nos primeiros momentos pelo Grupo de Cultura e Memória da Comunidade, puderam prosperar e levar à criação do Centro de Pesquisa e Memória. Logo, esse processo fez abrir a instituição às necessidades da comunidade que, em certa medida, se confundem com as da própria Feevale.

Dessa forma, abriu-se a caixa do passado, que não escondia os demônios de Pandora, mas a possibilidade científica e concreta do estudo da própria identidade e a de outros atores que ajudaram a construir a história institucional em cerca de quarenta anos.

Com esses estudos e a criação do centro, podemos entender que esse movimento rompeu a inércia e constituiu um processo contínuo de produção de novos conhecimentos. Sem a pretensão de deter a verdade absoluta, mas pautados no olhar diferenciado e no respeito às múltiplas visões é que estamos construindo uma trajetória que pode permitir entender a nossa existência, nossa cultura organizacional e a inserção comunitária e os passos coletivos que foram dados no movimento do passado até o presente.

Notas

¹ Para o Centro Universitário Feevale, “Ser comunitária tem um significado histórico e carrega a noção de identidade, de responsabilidade coletiva e de cooperação, tanto com a comunidade em que a Feevale está inserida como com as instituições irmãs do Consórcio de Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung), que expressam a mesma finalidade social. [...] O termo comunitário é uma idéia-força que agrega pessoas e organizações para a viabilização de um projeto comum. A idéia de comum traz o desafio da organização e da regulamentação, da gestão do projeto comum: projeto universitário. Para tanto, estrutura-se uma rede de relações, entre as pessoas e as organizações (públicas, privadas e estatais), da *comunidade regional*, com o compromisso de sustentar politicamente o projeto que está voltado para fins comuns.” (*Plano de Desenvolvimento Institucional do Centro Universitário Feevale*, 2005, p. 26-27).

² O IBA iniciou em 1950 como escola de música para crianças. Em 1958 a escola foi oficializada pelo município e criada uma entidade para dar personalidade jurídica ao instituto. Em 1962 o município iniciou uma campanha para o governo federal reconhecê-la como Escola Superior, o que foi conseguido seis anos depois, quando o IBA passou, então, a se chamar Faculdade de Belas Artes, sendo que, nesse período, já ministrava cursos de Artes Plásticas, Desenho, Pintura, Piano, Acordeão, Violão e Balê.

³ Os demais cursos, como o de Ciências Contábeis e de Educação/Pedagogia tiveram seu reconhecimento em setembro de 1973. O curso de Administração teve seu reconhecimento em abril de 1974. Dessa forma, todas as primeiras turmas formadas pela instituição contavam com o reconhecimento de seus cursos. O curso do Instituto de Belas Artes, que foi incorporado passando a se chamar Educação Artística, possuía reconhecimento desde agosto de 1968, sendo então apenas regulamentado em 1973.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- GUIA Acadêmico do Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2007.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PLANO de Desenvolvimento Institucional do Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2005
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.
- SCHEMES, Claudia; SILVA, Cristina Ennes da. *ASPEUR: uma trajetória comunitária, memórias de seus colaboradores*. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2003.
- _____. *Feevale: 1969/1999: Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2007.
- JORNAL DA FEEVALE, Novo Hamburgo, ano IV, n. 32, abr. 2007.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

DEPOIMENTOS

- CORRÊA, V. A. *Volnei Alves Corrêa: depoimento* [jun. 2004]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.
- CUNHA, R. R. da. *Ramon Fernando da Cunha: depoimento* [jul. 2004]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60min.). Entrevista do Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.
- DALL'AGNOL, P. *Plínio Dall'Agnol: depoimento* [jul. 2004]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.
- FERNANDES, L. F. F. Luiz *Fernando Framil: depoimento* [mar. 2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto Memória Institucional.
- GABROWSKI, G. *Gabriel Gabrowski: depoimento* [mar. 2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao Projeto Memória Institucional.
- KIELING, F. *Fernando Kieling: depoimento* [maio 2004]. Entrevistadores: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita

cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.

MARTINS, A. N. *Antônio Nery Martins*: depoimento [mar. 2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao Projeto Memória Institucional.

OLIVEIRA, A. M. de. *Argemi Machado de Oliveira*: depoimento [mar. 2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao Projeto Memória Institucional.

PRODANOV, C. C. *Cleber Cristiano Prodanov*: depoimento [set. 2004]. Entrevistadores: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.

SCHMITZ, J. C. *João Carlos Schmitz*: depoimento [jul. 2004]. Entrevistadores: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista

concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.

SPERB, A. *Ângela Sperb*: depoimento [jul. 2004]. Entrevistador: C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. Entrevista concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.

STÜRMER, F. A. *Francisco Assis Stürmer*: depoimento [mar. 2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao Projeto Memória Institucional.

TISCHER, L. *Lauro Tischer*: depoimento [ago. 2004]. Entrevistadora: C. Schemes. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.

URMERSBACH, R. *Regina Urmersbach*: depoimento [set. 2004]. Entrevistadores: C. Schemes e C. E. da Silva. Novo Hamburgo: 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao projeto História Institucional do Centro Universitário Feevale.

Artigo recebido em 8 de abril de 2008. Aprovado em 26 de julho de 2008.